

Gabriel Borowski

Universidade Jaguelônica de Cracóvia

RECONSIDERANDO  
O 25 DE ABRIL: *ESTIVE*  
*EM LISBOA E LEMBREI*  
*DE VOCÊ* DE LUIZ RUFFATO  
ENQUANTO ETNOGRAFIA  
DO SUBMUNDO LISBOETA

**Reconsidering the 25 April: *Estive em Lisboa e lembrei de você* by Luiz Ruffato as ethnography of Lisbon's underground**

ABSTRACT

The aim of this analysis of the novel *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) by the Brazilian author Luiz Ruffato is to approach the migrant subject as an observer of the precarious reality of the immigrants in the Portuguese capital. The underworld they form is seen as one of the most ambiguous consequences of four decades of democracy in Portugal.

KEYWORDS: Revolution of 1974 (Carnation Revolution), migration and identity, literature and society, 21<sup>st</sup> century Brazilian literature, collection “Amores Expressos”.

O Estado-nação, enquanto máquina de produção e de gestão de identidades, produz um espaço de pertença que é, ao mesmo tempo[,] um espaço de exclusão. E o imigrante é, em relação a esse espaço de pertença da nação, o “outro” nacional e o “outro oficial”, a figura por excelência do excluído. (...) O imigrante é tanto uma determinação legal como uma determinação de classe.

Bruno Peixe Dias (2012: 19–20)

INTRODUÇÃO

Até a década de oitenta do século XX, Portugal era um país de índole predominantemente emigratória que exportava força de trabalho e apresentava, desse modo, um saldo migratório claramente negativo (Estrela *et al.* 2012: 15). Uma das consequências mais significativas do processo de transição político-social desencadeado pela Revolução de 25 de abril de 1974 é, sem dúvida, a transformação do país em destino de deslocamentos

humanos em busca de melhores condições de vida (Ramos, Cadore 2010: 149; Dias 2012: 29–37). Em decorrência dessa onda migratória, as quatro décadas de democracia em Portugal coincidem com uma gradativa formação de vastos submundos urbanos evidenciada, sobretudo, pela heterogeneidade nacional, étnica e econômica do tecido social no distrito de Lisboa que, em 2014<sup>1</sup>, abrigou quase metade da população estrangeira residente no país, isto é, cerca de cento e oitenta mil pessoas (Dias *et al.* 2014: 12).

Há pouco tempo, a única comunidade estrangeira residente em Portugal, cujo influxo apresentava uma constante tendência crescente, atingindo em 2013 quase um quarto do total da comunidade de imigrantes (Dias *et al.* 2014: 10), era constituída por brasileiros que a partir da década de noventa do século passado, na chamada segunda fase da imigração brasileira em Portugal, emergiam como mão de obra de baixa qualificação profissional e com menores perspectivas de integração (Rodrigues 2012 : 185). O aumento sustentado, que caracterizou a comunidade brasileira em Portugal desde o início do século XX, se manteve até o ano de 2011, quando pela primeira vez se observou um decréscimo de quase sete por cento em relação ao ano anterior, provavelmente em função do desenvolvimento econômico do Brasil, concomitante com a crise financeira em Portugal.<sup>2</sup>

Uma vez que a ficção literária possui um caráter exploratório, transgressivo, favorecendo uma apresentação muito mais nítida dos processos que operam na realidade extraliterária (cf. Iser 2000), a presente análise do romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, do autor brasileiro Luiz Ruffato (2009b)<sup>3</sup>, visa iluminar algumas facetas de um dos corolários mais ambíguos da Revolução dos Cravos. Através da análise de uma obra ficcional que proporciona um tipo de inteligibilidade bastante diverso de um estudo sociológico propriamente dito, pretendo retratar a realidade precária do submundo dos imigrantes residentes na capital portuguesa.<sup>4</sup> Desta maneira, procuro também ressaltar o fato de que a tarefa de reconsiderar o 25 de abril se realiza não apenas em outros tempos – quarenta anos depois – mas também em outros espaços culturais, como o domínio da literatura brasileira contemporânea.

---

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão ampliada e atualizada de uma comunicação apresentada em abril de 2014 no colóquio comemorativo dos 40 anos da Revolução dos Cravos, organizado na Universidade de Varsóvia. Apesar do tempo decorrido desde a elaboração do texto, optou-se por manter as referências à situação demográfica no ano de 2014, ou seja, exatamente quarenta anos depois do 25 de Abril.

<sup>2</sup> Em 2011, a diferença entre o decréscimo registrado da população brasileira residente em Portugal (–6,63%) e a média total (–1,90%) foi maior do que em 2012 (–5,22% e –4,53% respectivamente) (Estrela *et al.* 2012: 18; Dias *et al.* 2013: 17). Em 2013, embora a taxa de decréscimo total não tenha mudado significativamente (–3,8%), o decréscimo registrado da população brasileira atingiu cerca de 13%, representando quase 86% da diminuição total do número de estrangeiros residentes em Portugal (Dias *et al.* 2014: 10). A inversão do movimento migratório da população brasileira se verificou, portanto, um pouco antes da grande vaga emigratória que caracteriza a situação atual. Observa-se também o aumento expressivo da taxa de decréscimo do número dos brasileiros residentes em Portugal.

<sup>3</sup> As referências a esta edição serão colocadas no corpo do texto, entre parênteses, com a sigla ELLV e o número da página. Todos os grifos (itálico, negrito) nas citações aparecem no original, destacando-se como elementos estranhos no relato do narrador e realçando a polifonia que impregna a narração.

<sup>4</sup> Não se deve negligenciar obviamente o papel do documentário *Lisboetas* (2004), de Sérgio Tréfaut, na conscientização da realidade precária dos imigrantes residentes na capital. É importante destacar também o longa-metragem *Terra estrangeira* (1996), dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas; uma análise comparativa do filme de 1995 e do romance de Ruffato foi realizada por Marco Antonio Rodrigues (2012). Convém mencionar também a adaptação do romance ruffatiano realizada por José Barahona em 2016.

## UM ETNÓGRAFO INCONSCIENTE

O romance em questão é fruto de um dos projetos mais interessantes no panorama editorial brasileiro recente.<sup>5</sup> A coleção “Amores Expressos” da Companhia das Letras, de São Paulo, reúne até o presente ano de 2020 onze romances<sup>6</sup>, assinados por autores nacionais que receberam uma bolsa e permaneceram um certo tempo em diferentes cidades do mundo<sup>7</sup>, buscando inspiração para a escrita de uma história sobre o amor. A pequena obra de Ruffato – cuja produção, como se vê, se origina da viagem do autor empírico – baseia-se na experiência do deslocamento, sendo apresentada como transcrição do depoimento de um imigrante brasileiro residente em Lisboa. Como lemos na nota que precede o narrado, assinada por “L.R.”:

O que se segue é o depoimento, minimamente editado, de Sérgio de Souza Sampaio, nascido em Cataguases (MG) em 7 de agosto de 1969, gravado em quatro sessões, nas tardes de sábado dos dias 9, 16, 23 e 30 de julho de 2005, nas dependências do Solar dos Galegos, localizado no alto das escadinhas da Calçada do Duque, zona histórica de Lisboa. (ELLV: 13)

O romance se fundamenta, portanto, em um jogo ficcional que – mediante a nota e a indicação de datas e referências bem específicas da topografia lisboeta – pretende legitimar o relato enquanto uma transcrição de um (suposto) documento real. É possível, porém, que o protagonista – natural de Cataguases, como o autor<sup>8</sup> – possa funcionar como um porta-voz de Ruffato. É curioso o paralelo entre o percurso do protagonista, representante das classes desprivilegiadas, com a biografia do autor, “[f]ilho de uma lavadeira analfabeta e um pipoqueiro semianalfabeto, [ele] mesmo pipoqueiro, caixeiro

<sup>5</sup> Das coleções anteriores que marcaram o mercado brasileiro das últimas décadas podem-se referir “Plenos pecados”, da Editora Objetiva, e “Literatura ou morte”, da Companhia das Letras (cf. Schöllhammer 2009: 46–51; Ramos, Cadore 2010: 148–149).

<sup>6</sup> Os onze romances lançados até o final do ano de 2019 pela Companhia das Letras são: *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008); *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (2009); *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato (2009); *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron (2010); *O único final feliz para uma história de amor é um acidente*, de João Paulo Cuenca (2010); *Nunca vai embora*, de Chico Matoso (2011); *O livro de Praga*, de Sérgio de Sant’Anna (2011); *Ithaca Road*, de Paulo Scott (2013); *Digam a Satã que o recado foi entendido*, de Daniel Pellizzari (2013); *Barreira*, de Amílcar Bettega Barbosa (2013); e *O filho mais velho de Deus e/ou livro IV*, de Lourenço Mutarelli (2018). O romance *Como desaparecer completamente*, de André de Leones, recusado pela Companhia das Letras, saiu em 2010 pela editora Rocco. Cecília Giannetti, cujo texto também foi recusado pela Companhia das Letras, resolveu procurar outra editora. Para completar o projeto faltam quatro romances. Uma análise detalhada da coleção foi realizada por Fois-Braga (2017).

<sup>7</sup> Mantendo a ordem dos lançamentos enumerados na nota anterior, as cidades visitadas foram: Buenos Aires, São Petersburgo, Lisboa, Cairo, Tóquio, Havana, Praga, Sydney, Dublin, Istambul e Nova Iorque. A narrativa de Leones é situada em São Paulo, e a de Giannetti é localizada em Berlim. Os romances ainda não concluídos são da autoria de Adriana Lisboa (Paris), Antonia Pellegrino (Bombaim), Antonio Prata (Xangai) e Reinaldo Moraes (Cidade do México).

<sup>8</sup> Contrariando essa suposição, o escritor evita uma identificação entre a sua cidade natal e a Cataguases literária: “Para ser sincero, a Cataguases que está nos meus livros não é Cataguases. Fiz uma grande sacanagem. Coloquei o nome de Cataguases, coloquei o nome das ruas, o cenário, e as pessoas acham que a Cataguases dos meus livros é a mesma. Não é. É a minha Cataguases, que não é a que existiu e nem a que existe hoje. É a literária, que em alguns pontos se sobrepõe e em outros não” (Moraes 2013: s.p.).

de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro-mecânico, gerente de lanchonete” (Ruffato 2013b: 27).

Fundamentando-se em uma aporia em relação à identidade do sujeito emissor (Sérgio/Luiz, ou Sérgio ≈ Luiz?), o romance se adequa, de certa forma, à linhagem de autores mineiros que, como afirma Antonio Candido, “gostam de literatura em primeira pessoa”, conseguindo conjugar o particular com o universal, bem como o ficcional com o real, de modo que seus livros podem ser lidos “reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura «de dupla entrada», cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa” (Candido [1977] 2000: 54). *Estive em Lisboa e lembrei de você* – um romance que anuncia a sua ligação com a realidade de Minas já no título, com a omissão do pronome reflexivo, típica da oralidade mineira (Ruffato 2009b) – revela-se, portanto, um texto, cuja condição ontológica é incerta, combinando o real com o ficcional e o documentário com o artístico. É uma sondagem literária de um fenômeno extraliterário.

A narrativa se divide em duas partes. Na primeira, mais curta, intitulada “Como parei de fumar”, o narrador esboça o pano de fundo para a experiência do exílio que está no foco da segunda parte, “Como voltei a fumar”.<sup>9</sup> Depois de um casamento fracassado com Noemi, uma mulher com sinais de desequilíbrio mental, Sérgio, inculcado pela família da esposa, perde primeiro a guarda do filho, Pierre, e depois perde a mãe e o emprego. Decadente e estigmatizado pela pequena comunidade da cidade mineira do interior, o narrador começa a imaginar uma viagem para o estrangeiro:

Assim, um domingo de manhã, sapeando a conversa-fiada dos pinguços no Beira Bar, mencionei, meio impensado, quando me perguntaram “O quê que você vai fazer da vida agora, ô Serzinho”, que cismava ir embora, “Pro estrangeiro”, e, antes que debochassem, o seu Oliveira, pano-de-prato no ombro, destampou outra cerveja e apoiou o intento, “O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais novo, até mesmo ele voltava, “O momento é de reconstrução”, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados, “Escolhendo serviço”, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos (que é como eles chamam as *pessoas de cor*). (ELLV: 25–26)

Atraído pela visão idealizada da antiga metrópole, Sérgio decide partir para Portugal com o intuito de ganhar o suficiente para, já de volta no Brasil, comprar imóveis e viver de renda, assegurando o futuro do seu filho. Na segunda parte do romance, em Lisboa, Sérgio consegue emprego de garçom em um restaurante no Bairro Alto e apaixona-se por Sheila, uma prostituta brasileira de Goiás, que lhe pede para entregar o seu passaporte a um vigarista angolano. Sem documentos, despedido do restaurante (cujo dono prefere contratar pessoal mais qualificado do Leste Europeu) e abandonado por Sheila, Sérgio acaba trabalhando como ajudante de pedreiro na construção de um conjunto habitacional na Amadora, juntando-se a milhares de imigrantes que vivem em condições precárias na capital portuguesa.

---

<sup>9</sup> Importa sublinhar que o romance apresenta, na verdade, uma estrutura circular, uma vez que o relato começa e termina com a mesma cena de regresso ao vício: “Voltei a fumar, após seis anos e meio, pouco mais ou menos, da minha visita ao doutor Fernando” (ELLV: 15); e “E foi assim que, depois de seis anos e meio, pouco mais ou menos, entrei numa tabacaria, pedi um maço de SG, um isqueiro, tirei um cigarro, acendi e voltei a fumar” (ELLV: 83).

A travessia transatlântica do protagonista – uma inversão simbólica das excursões colonizadoras da Europa para o Novo Mundo – representa uma transição entre dois universos muito distintos. Saindo do microcosmo da pequena cidade de Cataguases, o narrador se aventura em um território incógnito – uma grande metrópole com seus códigos, suas regras e particularidades. A paisagem social lisboeta, que aos olhos do brasileiro do interior se afigura uma interseção do conhecido com o desconhecido, é o espaço de uma “estrangeirice inquietante” que, por vezes, beira o grotesco (Freud 1988).

O deslocamento de Sérgio situa o protagonista na posição do observador de uma realidade ininteligível. O discurso do narrador se aproxima de um relato etnográfico (cf. Duc-Fajfer 2006; Prokop-Janiec 2006), em que o importante não é a descoberta das leis, mas antes um esforço interpretativo que confere coerência a uma rede de signos políticos, sociais e linguísticos interligados (Geertz 2008). Várias vozes e histórias precisam ser entrelaçadas para dar uma imagem heterogênea do submundo lisboeta em que “uma mobilidade precária resulta em identidade igualmente precária” (Rodrigues 2012: 182). Ao contrário do que acontece no romance ruffatiano *Eles eram muitos cavalos* ([2001] 2013a), um retrato-mosaico da monstruosa São Paulo, no qual diversas imagens são apresentadas praticamente sem nenhum comentário externo, em *Estive em Lisboa e lembrei de você* sobressai a perspectiva do narrador/observador/“etnógrafo” enquanto instância organizadora do relato. Ele entra em contato com diversos personagens que funcionam como signos de cultura (Prokop-Janiec 2012: 214), sinédoques em relação aos grupos que compõem o tecido social da capital. A dimensão ficcional dessas figuras cede lugar ao seu valor representativo, conjugando a sua singularidade dentro do enredo com a universalidade dos conteúdos sociais evocados.

## UM PASSADO PERSISTENTE

A importância e atualidade da transformação ocorrida em 1974 se manifestam logo no início da segunda parte do romance, no momento da chegada de Sérgio à pensão, quando o proprietário, “seu” Seabra, lhe avisa:

se notasse alguma irregularidade chamava a polícia, aliás, conhecia bem o chefe da Judiciária, combateram juntos **em África**, parte da juventude, “A melhor parte”, tinha gastado servindo o Exército em Moçambique, sobrou da época a perna manca, “Um estilhaço bem aqui”, e uma insônia que remédio nenhum domava, e não entendia tanto esforço despendido pra depois abandonar as **colônias** pros **pretos**, assim, de mão beijada [...]. (ELLV: 42)

A crítica da guerra colonial, que deixou marcas muito profundas na sociedade portuguesa, resultando em mutilações tanto corporais (perna manca de Seabra) quanto psicológicas (a sua insônia irremediável), para além de constituir um estigma traumático de uma geração inteira de portugueses, desliza no sentido de um ressentimento causado pela perda das antigas colônias africanas, fazendo com que todo o sacrifício pareça ter sido feito em vão.

A noção da imolação gratuita reaparece no final do relato, constituindo o duplo invertido da afirmação do proprietário da pensão. Durante o encontro com o senhor Almeida, que compra passaportes de imigrantes, o vigarista angolano – que alega “[ter] liderado

tropas da Frente Nacional de Libertação de Angola” (ELLV: 76), mas depois ter seguido outro rumo – explica:

em meados dos oitenta fugiu pra Portugal, com a roupa do corpo, “E para quê?”, tudo em vão, “Sacrifiquei a minha juventude” no meio de florestas, atravessando rios, perdendo saúde no **cacimbo**, lutando contra os **tugas**, de um lado, os comunistas, do outro, e, hoje, Angola “É aquilo que se vê”. (ELLV: 76)

Ainda que bem diversos, Seabra e Almeida evidenciam a persistência do passado traumático, a guerra colonial, no presente dos moradores da capital portuguesa. Eles representam também a ordem – lembre-se que se o seu Seabra “notasse alguma irregularidade chamava a polícia” (ELLV: 42) – e a vigarice, ou seja, as extremidades do espaço em que os imigrantes, nunca totalmente integrados, lutam pela sobrevivência.

Com o contato com imigrantes africanos residentes em Lisboa, Sérgio perceberá que, ao contrário do que afirmava Seabra, para a maioria da população dos antigos territórios ultramarinos a independência política de Portugal representou, na verdade, apenas uma substituição do explorador externo pelo explorador interno. A título de exemplo, na pensão, Sérgio conhece Baptista Bernardo, um angolano que perdeu a perna durante o conflito na África. Vendo esse vizinho várias vezes, à noite, sentado com seus filhos na poltrona, ausente e entregue totalmente à música, o narrador supõe que ele costuma brigar com a mulher. Porém, um dos pensionistas, “seu” Carrilho, explica ao protagonista que o angolano desce com as crianças quando consegue “arranja[r] um freguês pra mulher” (ELLV: 54), isto é, encontrar um cliente para a esposa que se prostitui. Quando Sérgio pergunta, perplexo, “como alguém pode sequer pensar em *alugar* a própria esposa” (ELLV: 54), Carrilho responde:

“É a miséria, filho, a miséria”, e contou que o Baptista Bernardo tinha perdido a perna uns vinte anos atrás, quando, menino, pisou numa **mina** escondida no meio da lavoura durante a guerra entre Portugal e os **independentistas**, e que, pernetá, não pôde nem sequer estudar mais, porque a escola era longe da aldeia, e, quando casou, pensando no futuro dos filhos, debandaram pra Lisboa, sem dinheiro e sem emprego, e, pra não morrerem de fome, a mulher prostituía, com o consentimento do marido, (...) e, graças a esse *expediente*, os **alfacinhas** usavam **bibes** do Jardim de Infância Santo Condestável, falavam português corretamente, proibidos de usar o **umbundo** em casa, e, verdadeiros cidadãos, iam ter a chance de ser alguém na vida, coisa que os pais não eram em Portugal e nunca tinham sido em Angola, onde, isso ouvi da boca do Baptista Bernardo, os que ganharam a guerra, a *elite*, mandavam os filhos **fazer banga** em Lisboa, e eles **faziam**, moravam nos melhores bairros e desfilavam nos melhores carros e comiam nos melhores restaurantes e vestiam as melhores roupas das melhores *marcas*, dilapidando o dinheiro dos diamantes e do petróleo, roubando o país como os **tugas** antes, e o povo, na mesma pobreza, enfiado nos **musseques**, nas **sanzalas**, à míngua (...). (ELLV: 54–55)

O casal enxerga apenas uma oportunidade para garantir um futuro melhor à sua família: devido à deficiência física de Baptista Bernardo, a prostituição da mulher representa a única solução. Como duplamente subalternos, explorados tanto no seu país de origem quanto na antiga metrópole, os personagens decidem integrar seus filhos na sociedade portuguesa através da educação conforme os padrões da nova pátria, apagando a sua origem cultural, representada pela língua banta.



A questão da língua, aliás, possui no romance ruffatiano uma importância que não convém desdenhar. Os trechos citados podem servir de bons exemplos do caráter heterogêneo do tecido narrativo, cujo corpo constitui o fluxo enunciativo de Sérgio (com fortes marcas da oralidade e com presença de regionalismos, uma vez que o narrador fala o que se costuma chamar de “mineirês”; Ruffato 2009c; Carvalho 2011: 3), que incorpora lexe-mas típicos das outras variedades de português (como “fazer banga”, uma expressão coloquial angolana que significa “ostentar riqueza”) ou sinaliza diferenças pragmáticas no uso dos vocábulos comuns (como a designação “preto”, mais usada em Portugal, enquanto no Brasil a forma preferencial nesse contexto é “negro”). Em consequência, através das soluções tipográficas, delimitam-se enclaves da fala do outro – achados de linguagem que, por um lado, salientam a alienação do protagonista numa nova realidade cultural, e, por outro, devido ao seu emprego no relato, comunicam o processo da hibridização que se opera na linguagem do imigrante (Costa 2009).<sup>10</sup>

Um dos aspectos mais importantes do romance é, sem dúvida, o problema da instabilidade identitária dos sujeitos migrantes. O “seu” Carrilho, português que explica a situação do casal angolano ao narrador, é retratado como “um tipo que gosta dos brasileiros e detesta os contrerrâneos” (ELLV: 47), tendo ido para o Brasil com doze ou treze anos, fugindo da fome que reinava na sua aldeia em Trás-os-Montes.<sup>11</sup> No Brasil, Carrilho consegue abrir uma padaria, casar e criar filhos. Quando, depois da morte da mulher, resolve voltar a Portugal em busca dos seus parentes, percebe que “já ninguém sabia dos Carrilhos, «Espalhados sabe Deus por que terras», referências vagas a Angola, Moçambique, até mesmo ao Brasil, mas nem a casa onde nasceu estava mais de pé” (ELLV: 49). O português regressado, vendo-se “sem passado e sem futuro” (ELLV: 49), representa, portanto, uma face desagregadora da mobilidade que resulta no desenraizamento do sujeito migrante: incapaz de reestabelecer os vínculos com a sua terra de origem, Carrilho se encontra na mesma pensão dos estrangeiros residentes no país, que não conseguem criar ligações identitárias com o espaço que lhes é alheio ou até mesmo hostil.

O romance em questão, que – conforme Rita Olivieri-Godet (2012: 133) – desnuda o mito da migração como experiência provisória, põe em foco a relação entre o espaço e a identidade, realçando a importância de um território afetivamente mapeado no processo de autoquestionamento identitário do sujeito migrante. O drama do exílio fica patente em uma das cenas mais comoventes do romance, quando Sérgio vai à agência da Western Union, no Rossio, para realizar uma transferência para a conta da cunhada que cuida do seu filho:

---

<sup>10</sup> O recurso à tipografia, no entanto, implica uma interessante contradição, corroborando a dúvida relativa à identidade do sujeito emissor: se o romance se apresenta como uma transcrição de um suposto relato oral, a quem se deve atribuir o destaque representado na escrita pela utilização de fontes diversas? Gabriel Estides Delgado (2013: 72) vê nessa particularidade uma vontade de “reproduzir o mesmo efeito de estranhamento que esses termos, por serem alheios ao depoente, certamente causariam a quem por ventura [*sic*] o ouvisse”. No entanto, parece que esse efeito dispensa os destaques tipográficos presentes no texto, já que os termos pertencentes a outras variedades de português causariam o mesmo estranhamento tanto lidos quanto ouvidos.

<sup>11</sup> A figura de Carrilho pode ser uma homenagem a Miguel Torga, cujo poema “Brasil”, de 1970, foi escolhido pelo autor para uma das duas epígrafes do livro. O autor, como se sabe, emigrou aos doze anos de idade e trabalhou na fazenda de um tio em Minas Gerais (Cunha 2007: *s.p.*), estado natal de Ruffato e do narrador do romance em questão.

enquanto preenchia a papelama, ficava olhando praqueles pobres-diabos, africanos, árabes, indianos, babel de raças e cores, se espremerem dois-três na mesma cabina de telefone, esgoelando, chorando, uma vez, perto do Natal, uma senhora negra, baixa e gorda, enfiada numa roupa estampada, cabelo começando a alvejar, desmaiou no decorrer de uma ligação, socorremos ela, apareceu uma cadeira, um copo d'água, um abano, quando voltou a si, socando os pés no chão, a jabuticaba dos olhos clamou seu desespero num português estropiado que ninguém entendia mas que todos adivinhámos, o desalento imigrante de quem sabe que de nada serve esta vida se a gente não pode nem mesmo aspirar a ser enterrado no lugar próprio onde nasceu (...). (ELLV: 73)

Nessa cena, sobressai uma das dimensões do enredo em que, conforme o autor, se desdobra o tema do amor que subjaz à escrita do romance: “a solidariedade entre os imigrantes que de alguma maneira tentam se ajudar num território que não é dele [*sic*], num lugar que de alguma maneira é hostil e ao mesmo tempo onde essas pessoas têm que tentar sobreviver” (Ruffato 2009c). A ligação afetiva que se estabelece entre os imigrantes, que mesmo sem entenderem as palavras da senhora desmaiada as adivinham, permite aos representantes de diversas etnias e culturas formarem uma comunidade de destino que assenta na experiência do desenraizamento, resultando na emergência de uma identidade precária. Desse modo, o romance de Ruffato desmascara uma face sombria da época líquido-moderna, em que “o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular” e “estar fixo” ou “ser identificado (...) é algo cada vez mais malvisto” (Bauman 2005: 35). O deslocamento dos imigrantes deixa flagrante que a perda da relação identitária com o espaço constitui, na verdade, um dos flagelos sofridos pelos sujeitos migrantes na pós-modernidade. O drama dos personagens do romance ruffatiano, portanto, vem da precariedade da sua condição que resulta da impossibilidade de integração. Essa se deve a um conjunto de fatores cuja origem pode ser situada não apenas do lado da população local, que afirma sua identidade através da exclusão do outro, mas também do lado da população imigrante que não pode – ou não procura – criar vínculos com o território que a acolhe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pretendeu demonstrar, a ironia amarga que impregna o título do romance – que evoca frases estampadas nas lembranças de viagem – faz com que o relato de Sérgio, imigrante na Lisboa ruffatiana (que, como diz o autor, “não é a Lisboa de cartão-postal”; Ruffato 2009a: 13) se revele uma dolorosa carta dirigida a um destinatário impreciso.<sup>12</sup> O submundo dos imigrantes lisboetas, cuja formação é um dos resultados da Revolução dos Cravos, se apresenta não como um território de aventura e de descoberta, mas antes enquanto um espaço estranhamente inquietante, inabitável, opressivo, que não sucumbe às tentativas de reterritorialização dos sujeitos migrantes – vítimas da ideia da migração

---

<sup>12</sup> Do ponto de vista técnico, a forma de *Estive em Lisboa e lembrei de você* não coincide, porém, com *De mim já nem se lembra* ([2007] 2012), de Ruffato, sendo o primeiro apresentado como uma suposta transcrição de um relato oral – ainda que, como já se disse, ela evidencie significativas soluções tipográficas que não podem aparecer na fala –, enquanto o outro vai na esteira da tradição do romance epistolar.



enquanto experiência temporária—, e dos processos desagregadores que operam na antiga metrópole.

Com base na discussão construída, concordo com o autor quando ele afirma que “se a leitura de um livro pode alterar o rumo da vida de uma pessoa, e sendo a sociedade feita de pessoas, então a literatura pode mudar a sociedade” (Ruffato 2013b: 27). Nesse sentido, a visão literária proporcionada por *Estive em Lisboa e lembrei de você* pode permitir uma compreensão mais profunda da realidade étnica e social de Portugal, quarenta anos depois da Revolução.

Igualmente, deve-se considerar a importância da dimensão etnográfica, visível no esforço interpretativo do narrador que deseja dar coerência a uma rede de signos interligados, enquanto uma ferramenta proveitosa na leitura de outras obras de Ruffato — como o romance mais recente, *O verão tardio* (Ruffato 2019), no qual o protagonista, Oséias, regressa à sua cidade natal, também denominada Cataguases — e outros depoimentos focados na ideia do deslocamento.

## REFERÊNCIAS:

- BAUMAN Zygmunt, 2005, *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CANDIDO Antonio, [1977] 2000, *Poesia e ficção na autobiografia*, (in:) *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: Ática, 51–69.
- CARVALHO Maria Aparecida Oliveira de, 2011, O turista escritor e sua canção do exílio em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, *Recorte* 8(1): 1–4.
- COSTA Vilma, 2009, Amores expressos na pele, *Rascunho* 116: 11.
- CUNHA Teresa Sobral, 2007, *Miguel Torga – a voz do chão* (base de dados no site Biblioteca Nacional de Portugal), <http://purl.pt/13860/1/index.html> (consultado em 14.04.2020).
- DELGADO Gabriel Estides, 2013, *O depoimento como forma: biografia em Estive em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato*, (in:) *Anais do V Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea “Configurações do Espaço”*, Bruna Paiva Lucena, Gabriel Estides Delgado (orgs.), Brasília: Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 64–78.
- DIAS Bruno Peixe, 2012, *Da alteridade à recusa da identidade: o tempo da subjetivação política*, (in:) *Imigração e racismo em Portugal: o lugar do outro*, Bruno Peixe Dias, Nuno Dias (orgs.), Lisboa: Edições 70, 15–28.
- DIAS Nuno, 2012, *Construir cidades para os outros: imigração e trabalho no Portugal contemporâneo*, (in:) *Imigração e racismo em Portugal: o lugar do outro*, Bruno Peixe Dias, Nuno Dias (orgs.), Lisboa: Edições 70, 29–45.
- DIAS Pedro et al., 2013, *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2012*, Barcarena–Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- DIAS Pedro et al., 2014, *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2013*, Barcarena–Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- DUĆ-FAJFER Helena, 2006, *Etniczność a literatura*, (in:) *Kulturowa teoria literatury: główne pojęcia i problemy*, Michał Paweł Markowski, Ryszard Nycz (orgs.), Kraków: Universitas, 433–450.
- ESTRELA Joaquim et al., 2012, *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2011*, Barcarena–Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- FOIS-BRAGA Humberto, 2017, *Romance de viagem: políticas e poéticas da mobilidade contemporânea na coleção literária Amores Expressos*, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.
- FREUD Sigmund, 1988, *L’Inquiétante étrangeté*, (in:) *L’Inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris: Gallimard, 213–263.

- GEERTZ Clifford, 2008, *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*, (in:) *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 3–21.
- ISER Wolfgang, 2000, *What is Literary Anthropology? The Difference between Explanatory and Exploratory Fictions*, (in:) *or a Revenge of the Aesthetic: The Place of Literature in Theory today*, Michael P. Clark (ed.), Berkeley: University of California Press, 157–179.
- LISBOETAS, 2004, dir. Sérgio Tréfaut, Faux–Edições e Audiovisuais.
- MORAIS Mauro, 2013, O rosto dos operários, *Tribuna de Minas* s.n.: s.p., <http://www.tribunademinas.com.br/cultura/o-rosto-dos-operarios-1.1389108> (consultado em 26.08.2014).
- OLIVIERI-GODET Rita, 2012, Entre o chão encontrado e o chão perdido: *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, *Aletria* 22(3): 131–138.
- PROKOP-JANIEC Eugenia, 2006, *Etniczność*, (in:) *Kulturowa teoria literatury: główne pojęcia i problemy*, Michał Paweł Markowski, Ryszard Nycz (orgs.), Kraków: Universitas, 409–432.
- PROKOP-JANIEC Eugenia, 2012, *Etnopoetyka*, (in:) *Kulturowa teoria literatury 2: poetyki, problematyki, interpretacje*, Teresa Walas, Ryszard Nycz (orgs.), Kraków: Universitas, 185–227.
- RAMOS Tânia Regina Oliveira, CADORE Amanda, 2010, Desamores expressos: *Estive em Lisboa e lembrei de você*, *Navegações* 3(2): 148–153.
- RIBEIRO João Ubaldo, 1999, *A casa dos Budas ditosos*, Rio de Janeiro: Objetiva.
- RODRIGUES Marco Antonio, 2012, Mobilidade precária em *Terra estrangeira* e em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 39: 181–192.
- RUFFATO Luiz, 2009a, Entrevista no Paiol Literário, *Rascunho* 105: 12–13.
- RUFFATO Luiz, 2009b, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, São Paulo: Companhia das Letras.
- RUFFATO Luiz, 2009c, *Entrevista no site da Companhia das Letras*, <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12862> (consultado em 22.04.2016).
- RUFFATO Luiz, 2012, *De mim já nem se lembra*, Lisboa: Tinta-da-China.
- RUFFATO Luiz, [2001] 2013a, *Eles eram muitos cavalos*, São Paulo: Companhia das Letras.
- RUFFATO Luiz, 2013b, A literatura pode mudar a sociedade, *Rascunho* 163: 27.
- RUFFATO Luiz, 2019, *O verão tardio*, São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHÖLLHAMMER Karl Erik, 2009, *Ficção brasileira contemporânea*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- TERRA ESTRANGEIRA, 1996, dir. Walter Salles, Daniela Thomas, Videofilmes.